

Espiral Maior /
V. Pérez Prieto

Ecologismo e Cristianismo

Em criança, matou um pardal com uma fisga. Mas logo se viu atormentado com perguntas, do género, "Que mal me fez o pobre passarinho? Que ganhei eu com destruir-lhe a vida?" Naquele mesmo instante arrependeu-se e, diante do corpo sem vida do pardal, prometeu solenemente jamais voltar a fazer tal coisa.

Confessou-se depois ao senhor abade e, até hoje, nunca deixou aquela promessa por cumprir. É com este testemunho que Victorino Pérez Prieto, licenciado em Teologia pela Universidade Pontifícia de Salamanca e actual pároco de Ferrol-Galiza, abre o seu mais recente livro, "Do teu verdor cingido: Ecologismo e cristianismo", editado pelas Edicións Espiral Maior, da Coruña (Fax: 00-34-81-25 02 12). A obra, num total de 220 páginas, lê-se de um fôlego e com muito prazer e proveito. Mais parece um poema espiritual que nos faz autocompreendermo-nos como seres humanos, mas em radical comunhão com todo o universo. Escrito em galego, o livro é de leitura obrigatória e pode ajudar-nos a entrar no próximo milénio com uma postura muito outra, bem mais conforme à que se espera de seres humanos que se têm na conta de conscientes e responsáveis por toda a criação.

"Aqui falaremos duma ecologia que tem presente três acepções da etimologia grega que está na origem da própria palavra (*Oikos*). *Oikos* é a casa, a Natureza ou casa cósmica na qual estamos plantados; o ecologismo tem a ver com a preocupação por essa casa ameaçada. Porém, de *oikos* vem também economia, que tem a ver com a preocupação pelo governo da casa. E, finalmente, de *oikos* vem a ecumene, ou ecumenismo, que tem a ver com a casa social de todos: é a preocupação por toda a realidade, humana e não humana, com umas relações de respeito pelos diversos pensares e maneiras de ser, concretamente, nas diferentes culturas e religiões que manifestam jeitos diversos de relacionar-se com o mistério profundo da realidade. Falaremos também a partir duma eco-teologia e duma eco-espiritualidade que pretende viver a experiência religioso-espiritual dum cosmos habitado e assumido por Deus".

Estas palavras são do próprio autor, logo no primeiro capítulo. Por elas, percebemos como ele concebe a sua obra e por onde vai conduzir as leitoras e leitores. Ainda no mesmo capítulo, Victorino Prieto confessa que o seu ecologismo "é profundamente antropológico", visto estar "convencido de que é no ser humano onde o Espírito chega a aflorar de modo culminante", já que esse mesmo Espírito "actua a partir do interior da matéria, até fazer-se autoconsciente no ser humano, pelo que a pessoa chega a ser interlocutora de Deus, capaz de um diálogo único eu-Tu".

O autor não esconde, entretanto, as suas próprias limitações e é o primeiro a bater no peito. "Tenho consciência de que estou muito longe de ser um ecologista consequente: tenho

automóvel e utilizo-o mais vezes do que o indispensável e com mais velocidade do que a necessária, com o que contamina e consumo uma energia limitada; gasto água de mais – um bem escasso – com um duche quase todos os dias; com tanto escrever, gasto

Afrontamento / Elvira de Azevedo e Inácio Steinhardt

O apóstolo dos marranos

Nasceu há um século em Amarante. O Estado Novo não o suportou, sobretudo, depois que ele fez valer a sua ascendência cripto-judaica e lutou incansavelmente para congregar, no país, nomeadamente, no norte, todos os portugueses descendentes dos chamados cristãos novos. A sua vida foi um permanente combate. Acabou votado ao ostracismo. O livro, "Ben-Rosh: Biografia do capitão Barros Basto, o apóstolo dos marranos", acabado de editar pelas corajosas Edições Afrontamento, do Porto (T. 02-52 92 71) e que tem como autores Elvira de Azevedo Mea e Inácio Steinhardt, para lá da mais que merecida homenagem, vale também como esforço para reabilitar o seu nome e fazer-lhe justiça. O livro é igualmente uma viagem pelo interior do fascismo, quando Estado Novo e hierarquia católica andaram de mãos dadas, neste país, contra tudo o que ousadamente se lhes opusesse, no mundo da cultura, da política ou da religião. É, por isso, um livro com lágrimas. E muita raiva. Mas fecundamente salutar. Que urge ler.

"Ainda um dia me farão justiça. Frase dita pelo meu pai, na véspera de falecer. Como pode um ser humano ainda acreditar

muito papel – contribuo para a desflorestação – embora tenha o bom costume de reutilizá-lo para apontamentos e procuro contentores de reciclagem para me desfazer dele; nem sequer sou muito dado à ecológica bicicleta ou ao hábito de andar a pé; e o que é mais grave, podia viver com mais austeridade do que vivo, embora não seja um gastador por aí além. Enfim, sei que, como a maior parte dos meus contemporâneos, tenho ainda muito caminho a andar para sentir realmente em mim em cada instante o espírito do universo".

O livro desenvolve-se ao longo de sete capítulos, cada qual o mais oportuno: 1. Resgatar a ternura da terra, fortalecer o débil. 2. As terríveis bestas do Apocalipse. 3. Uma nova consciência. 4. Um desafio para a fé religiosa. 5. O verde da Bíblia. 6. Três místicos cristãos ecologistas (Francisco de Assis, o místico da irmandade

de cósmica; João da Cruz, um místico ecologista; Teilhard de Chardin, o místico da matéria). 7. Uma nova consciência chama a uma nova maneira de conceber Deus e a relação com Ele.

"Pensar ecologicamente – escreve o autor a concluir o livro – é ter também presente cada dia a realidade do drama da relação Norte-Sul, a realidade das imensas massas empobrecidas do Terceiro Mundo, submetidas à miséria pela relação que foram estabelecendo os países do nosso Primeiro Mundo opulento e explorador, açambarcador guloso dos recursos limitados desta Terra que é de todos".

"Oxalá – sublinha, como voto final – que a reflexão deste ensaio ajude a aprofundar e a lançar as raízes dum verdadeiro pensamento ecologista global, para que este não se reduza a apostas passageiras e superficiais, mas toque decisivamente as fibras mais fundas do nosso ser". ■

nos homens, depois de o terem arrasado naquele processo ignóbil, no qual, logo à partida, estava condenado? Que época aquela, que não sabiam compreender todo aquele que lutava, trabalhava e honrava o seu país, tanto na defesa da Pátria, como torná-la conhecida? Ao tomar conhecimento das investigações e escritos feitos pelo meu pai, penso quantas horas de trabalho insano! Ao entrarmos na Sinagoga Kodoorie, pensamos quanta fé, força, perseverança é preciso ter, para levantar tal monumento naquela época, mas também pensamos o que deve ter sofrido, ao ser espezinhado por aqueles que o invejavam. Por que será que todo aquele que se dedica a uma religião, a um ideal, é tão calcado? E por quê ele continua a acreditar em Deus e nos homens? De facto o meu pai era um ser corajoso para lutar e trabalhar daquela maneira. Será que um dia lhe farão justiça?"

Como facilmente se depreende, estas palavras são da filha do biografado, Miryam Edith Azancot de Barros Basto Teixeira da Silva. Encontram-se no final do livro. Imediatamente antes do posfácio dos autores. E constituem, só por si, um grito a clamar justiça. Bom seria que não fosse um grito no deserto. Mas só os actuais dirigentes do país e da Igreja católica em Portugal

poderão impedi-lo. Porque, se no passado, o capitão Barros Basto acabou perseguido e proscrito pelos então dirigentes do país e da Igreja católica, só os actuais dirigentes podem reparar esse crime e reconhecer todo o valor que teve a sua vida.

O livro obriga-nos a pensar nos muitos milhares de portuguesas e portugueses que serão descendentes de judeus, obrigados a fazer-se cristãos, quando a Inquisição fez das suas por estas terras ibéricas. Poucos ou mesmo nenhuns assumem, hoje, a fé dos seus antepassados, tornados todos eles cristãos católicos à força. O facto, porém, aí está. E sangra.

O capitão Barros Basto, depois que soube pelo avô que era descendente de cristãos novos, isto é, de judeus que tinham sido obrigados a deixar-se baptizar e, consequentemente, a integrar a Igreja católica, nunca mais descansou, enquanto não se viu reconhecido na sua ancestral identidade de judeu. Ao mesmo tempo, tudo fez também para congregar em seu redor todos os portugueses que se encontravam nas mesmas condições. O esforço, materializado na famosa "Obra de Resgate", ainda hoje espanta, pelo arrojo e pela determinação. Infelizmente, nem todos estavam animados da mesma audácia e da mesma ousadia. ■